

Observantíssimo da Caridade, praticou essa grande virtude até morrer, distribuindo por seu testamento grande parte de seus bens em esmolas a benefício principalmente de mulheres viúvas, e pessoas honestas, às quais protegia em vida, recolhidas em suas próprias casas. Legou quantias avultadas às Irmandades de S. Pedro, a ordem Terceira do Carmo, e não se esqueceu em sua beneficência dos prisioneiros do Aljube e Cadáver.

Como a seu cuidado estava a administração da Capela do missas, instituída pelo Bispo D. Francisco de S. Jerônimo, e confiada na sua pessoa aos que ocupassem para o futuro a dignidade decanal, com a obrigação de se dizer no Templo de Nossa Senhora da Conceição, unido à casa da residência episcopal, uma missa no dia sabbado de cada semana, para cujo patrimônio existiam a juros tres mil cruzados, determinou Gaspar Gonçalves a seus testamenteiros que, desde o dia de seu falecimento até o da posse do seu sucessor na dignidade, fôssem diligentes em satisfazer aquele encargo, entretanto que se não julgasse ou resolvesse o contrário, querendo assim evitar alguma falta no cumprimento da tão sagrada obrigação. Seu nome e seus escriptos gravados gloriosamente nos fastos da Diocese Fluminense, existirão como padrões eternos à memória de um dos mais benemeritos Ecclesiásticos d'este Bispado, um de seus melhores ministros, um dos mais dignos filhos da Villa de Santos por seu saber e por suas virtudes.

#### PERO LOPES DE SOUSA

Francese gente que o Brasil tentava  
Pedro Lopes de Sousa em furiosa  
Naval batalla o mar lle contestava.  
CARAMURU. Canl. 87, Ed. 27.

Pero Lopes de Sousa, um dos doze primeiros donatários do Brasil, foi o segundo genito de Louro de Sousa, e irmão do 13º Governador da Índia, Martim Afonso de Sousa. — E' mui provável que na sua mocidade freqüentasse na Universidade, que então estava em Lisboa, os

estudos da navegação. E' sem duvida que, dedicando-se à vida marítima, reunia o ser n'ella perito a muito desembarço e afoueteza,— qualidades indispensaveis em tal profissão. Começou a servir nas armadas de guarda costa contra os corsários; adquirira a pratica de algumas navegações; quando, joven ainda, e já muito honrado fidalgo da casa do el-rei D. João III, acompanhou seu irmão na armada ao Brasil. Tendo esbicho de Liebóia na capitânia, passou depois a commandar duas caravelas, com as quaes só affrontou em tenhida peleja uma não francesa, que abalrou e fez prisioneira.

Proseguiu, já feito capitão da sua nova presa, na direcção do sul, e depois de ter rendido outra Nao Francesa, e aportado à Bahia e Rio de Janeiro, sofreu grande tormenta na altura do Cabo de Santa Maria; e havendo por esta occasião dado á costa o Capitão-Mór, foi decidido em conselho que não devia elle de ir pelo Rio da Prata; e que fosse lá algum Bergantim afim de o examinar e pôr para das. Reconhecendo Martim Affonso as eminentes qualidades do seu irmão, o encarregou d'esta commissão, recom-mendando-lhe que estivesse de volta em vinte dias.

De junto do dito Cabo partiu a 23 de Novembro de 1531, navegou o rio acima pelo canal do norte, cento e tantas leguas contadas do Cabo de Sancta Maria, e voltou n. 12 de Dezembro. Tendo passado n'esta diligencia inclemencias e trabalhos, pelos quaes mostra o seu valor em soffrir, e seu genio em descrever; e visto alguns gentios, notado seus usos e costumes, veio a naufragar sobre uma Ilha ao pé do Cabo de Sancta Maria. N'este naufrágio se houve Pero Lopes de forma tal, que o seu procedimento mostra bem qual era a sua constância e animo. Não convém antecipar as descripções que se fizer no seu Diario, por vezes poeticó; ao qual remetemos o leitor, limitando-nos a dizer que, tendo conseguido pôr o Bergantim a nado, se reuniu á Armada, a 27 de Dezembro, na Ilha das Palmas: e todos partiram para o porto de S. Vicente, que Martim Affonso fizeram pela primeira vez a 20 de Janeiro seguinte.

Então decidiu este Capitão, por parecer dos pilotos e mestres, e todos que para isso eram, de mandar duas Nãos para Portugal com toda a gente do mar. Incumbindo

do commando a Pero Lopes, largou este a 22 de Maio de 1532, e fazendo-se ao norte, foi ao Rio de Janeiro esperar pela outra nau — a tonada aos Franceses; e d'aqui sahiram juntos no principio de Julho. Passados quinze dias, era Pero Lopes na Bahia de Todos os Santos, da qual se fez à vela no fin de mez. E tendo andado tanto à vante como a Ilha do Santo Aleixo, houve vista de uma nau, o ordenou de fazer tudo prestes para a combater: o resultado de tais combates com Franceses nuna lhe foi desfavorável (1). Entrou por fim em Pernambuco, e largando a 4 de Novembro, só chegou a Lisboa no começo do anno seguinte.

Entretanto tinha El-Rei escripto a 28 de Setembro do anno antecedente, que lhe fizera doação de juro herdade de uma Capitania de cincuenta leguas da costa, e em attenção aos seus serviços então narrados, o agraciou comunitando-lhe, por doação feita em Evora no principio de Setembro de 1534, em cintenta leguas distribuídas em tres diferentes lugares da costa, por elle escolhidos (2).

Ha quem diga (3) que depois de voltar, fôra em 1535 a Tunas, por Capitão de uma nau na expedição que comandava Antonio de Saldanha, como o Infante D. Luiz; porém o que temos por certo é que antes ou depois entendeu povoar a sua Capitania de Itamaracá (4).

(1) Gabriel Soares diz no Rot. Ger. cap. 14 que — se via assim no mar pelejando com algumas naus Francesas, de que os Franceses alicia se sahiram bem.

(2) Veja-se esta doação que transcrevemos à pag. 118 do seu Diario, bem como o foral à pag. 196.

(3) Souza. Hist. Gen. T. 12 F. 1.º Sobre este serviço que aqui entendeu, fôx dizer a certo Genealogico, enjo Nobiliario MS. existo na Bib. Pub. de Lisboa, que affirmava ter sido Governador da Nino.

(4) A maior parte dos escritores dizem que Pero Lopes foi em pessoas à colonização da sua Capitania depois que lhe foi dada. Outros não fazem menção de tal, quanto à parte de S. Amaro, não encontramos documento anterior a 1532, em que D. Isabel Gâmbida nomeia seu Locombrêgo e Gouverador. Contudo Gabriel Soares, que fôr ao Brasil vinte e tantos annos depois, e por isso se pôde dizer certameo, ainda que confunde os acontecimentos que passou na Armada da que tratamos, e que menciona no cap. 1º, Iodavia diz no cap. 14 do Rot. Ger., que, conduzindo armada à sua cunha e em pessoas, fôr povoar esta capitania (Itamaracá) com moradores que levou do porto de Lisboa, d'onde partiu no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados: e no cap. 1º

Havendo sido nomeado Capitão-Mór de 6 naos (5) para a India partira em Março de 1639; chegou a Goa em Setembro, e voltando para a Europa, se perdeu na paragem da Ilha de S. Lourenço (hoje Madagascar), vindo por fôra d'ella: e não houve mais notícia do seu corpo.

Fôra casado com D. Isabel de Gambôa, que ficou tutora de seus filhos. Era de genio ultiivo (em vão o nega D. Luiz da Silveira), caprichoso no mando e independente, e por isso algumas vezes foi desatencioso e menos estimado. Tinha bastante amor proprio — talvez proveniente da sua juventude, e afez-se de tal modo aos perigos, que o seu valor passou a temeridade, que pagou com a vida.

Deixou-nos escrito o Diário ou Roteiro, que demos à luz tão completo quanto pudemos, e do qual nem Barboza, nem Bibliographo algum, que conhecemos, teve notícia. Do mérito do seu estylo ajuizarão os nossos litteratos, e decidirão se algumas paginas descriptivas não fazem recordar a saudosa melancolia do saudoso livro de Bernardim Ribeiro, seu contemporaneo.

Por F. A. DE VARNHAGEN.

acrescenta que fizera um engenho em Santo Amaro, que também foi pôrvar em posse; porém para esta ultima ha menos fundamentos. O certo é que a mesma ampliação que El-Rei fez a 31 de Janeiro de 1596 é prova de que elle cuidava na Capitania.

6. Vide o Livro das Armadas e Capitais que foram à India, do descobrimento d'ella até hoje — 85, e também a obra que citamos na nota da pag. 83, escrita talvez originalmente por Pedro S. de Resende.